

LIÇÃO 3 - Todos os Seres Reduzidos ao Ser e à Unidade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 3: 1060b 31-1061b 17

“ 924. Visto que a ciência do filósofo trata do ser enquanto ser em geral e não de alguma parte dele, e o termo ser é usado em muitos sentidos e não apenas em um, segue-se que, se ser é usado equivocadamente e não com um significado comum, ser não cai sob uma única ciência (pois tais termos não têm uma classe comum). Mas se o termo é usado segundo um significado comum, ser cairá sob uma única ciência.

925. Portanto, o termo parece ser usado da maneira mencionada, como os termos "médico" e "sadio"; pois cada um destes é usado em muitos sentidos. Ora, o termo é usado em cada um desses modos devido a algum tipo de referência. Assim, o primeiro é usado em referência à ciência da medicina; o segundo, à saúde; e um terceiro, a outra coisa; contudo, em cada caso, o termo é referido à mesma coisa. Pois tanto uma discussão quanto um bisturi são chamados de "médicos": um porque provém da ciência da medicina, e o outro porque é útil a ela. O mesmo se aplica ao termo "sadio"; pois uma coisa é chamada de sadia porque é um sinal de saúde, e outra porque a produz. O mesmo vale para outros termos. Logo, o mesmo é verdadeiro para toda instância do ser; pois cada coisa é chamada de ente porque é ou uma modificação, ou um estado, ou uma disposição, ou um movimento, ou algo desse tipo que pertence ao ente enquanto ente.

926. E como todo ente é referido a algo uno e comum, cada uma das contrariedades pode também ser referida às diferenças e contrariedades primárias do ser, sejam essas diferenças primárias pluralidade e unidade, semelhança e dessemelhança, ou quaisquer outras; pois estas já foram consideradas (304).

927. E não faz diferença se uma coisa existente é referida ao ser ou à unidade. Pois, ainda que não sejam idênticos, mas diferentes, são contudo

intercambiáveis; pois o que é uno é de certo modo um ente, e o que é ente é de certo modo uno.

928. *Ora, como é função de uma mesma e única ciência estudar todos os contrários, e um de cada par envolve privação (embora se possa ficar perplexo sobre como alguns contrários são predicados privativamente, i.e., aqueles que possuem um intermédio, como justo e injusto), em todos esses casos é necessário sustentar que a privação de um não é a privação da noção total do outro, mas apenas da última espécie. Por exemplo, se um homem é justo devido a uma tendência habitual de obedecer às leis, o homem injusto nem sempre será privado da perfeição completamente, mas falhará em obedecer às leis em algum aspecto; e nesse aspecto a privação lhe pertencerá. O mesmo vale em outros casos.*

929. *Ora, o matemático, em certo sentido, estuda coisas obtidas pela remoção de algo; pois ele especula removendo das coisas todas as qualidades sensíveis, como peso e leveza, dureza e seu contrário, e também calor e frio e outras contrariedades sensíveis, e deixa apenas o quantificado e o contínuo (sendo algumas coisas tais em uma, outras em duas, e outras em três dimensões). E ele estuda as propriedades do quantificado e do contínuo enquanto tais e não em qualquer outro aspecto. E de alguns considera as posições relativas e atributos, de outros a comensurabilidade e inmensurabilidade, e de outros as razões; contudo, afirmamos que há apenas uma ciência de todas essas coisas, a saber, a geometria. O mesmo vale para o ser.*

930. *Pois uma investigação dos atributos do ente enquanto ente, e das contrariedades do ente enquanto ente, não pertence a nenhuma outra ciência senão à [primeira] filosofia; pois não se atribuiria à filosofia da natureza o estudo das coisas enquanto são entes, mas antes enquanto participam do movimento. Pois a dialética e a sofística lidam com os acidentes das coisas existentes, mas não enquanto entes, nem tratam do ente enquanto ente. Segue-se, então, que é o filósofo quem especula sobre as coisas que mencionamos, enquanto são entes.*

931. *E como todo ente é referido a um significado comum único, que é usado em muitos sentidos, e o mesmo se aplica aos contrários (pois são referidos às diferenças e contrariedades primárias do ser), e tais coisas podem cair sob uma única ciência, a dificuldade que foi declarada no início desta obra (900-904) é resolvida desta maneira. Refiro-me à questão de como pode haver uma única ciência de coisas que são muitas e diferentes em gênero.*

COMENTÁRIO

2194. Tendo levantado as questões anteriores, Aristóteles agora começa a reunir as coisas que pertencem à consideração desta ciência. Isto é dividido em duas partes. Na primeira (924:C 2194)

ele indica as coisas que esta ciência considera. Na segunda (956:C 2247) ele compara esta ciência com as outras ("Toda ciência").

A primeira parte é dividida em duas seções. Primeiro, ele mostra que é função desta ciência considerar todos os entes; e segundo (932:C 2206), que ela deve considerar os princípios da demonstração ("E como o matemático").

Ao considerar a primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que todas as coisas são de algum modo reduzidas a uma. Segundo (929:C 2202), mostra que o estudo desta ciência se estende a todas as coisas enquanto são de algum modo reduzidas a algo uno ("Ora, o matemático").

Ao tratar da primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que, tendo em vista o objetivo do nosso presente estudo, é necessário perguntar se todas as coisas são de algum modo reduzidas a uma. Ele diz que, como a ciência da filosofia trata do ente enquanto ente de modo a considerar o ser em seu caráter universal e não meramente em termos do caráter inteligível de qualquer ente particular, e como o termo "ente" é usado em muitos sentidos e não apenas em um, se os muitos sentidos de "ser" fossem puramente equívocos, sem qualquer significado comum, nem todos os entes cairiam sob uma única ciência, pois não seriam de modo algum reduzidos a uma classe comum. E uma ciência deve lidar com uma classe de coisas. Mas se os muitos sentidos de "ser" têm um significado comum, todos os entes podem então cair sob uma única ciência. Logo, para responder à questão levantada sobre se esta ciência é uma mesmo tratando de muitas coisas diferentes, devemos considerar se todos os entes são ou não reduzidos a algo uno.

2195. Portanto, o termo (925).

Aqui ele mostra que todas as coisas são reduzidas a algo uno. Ao tratar disso, ele faz duas coisas. Primeiro (925:C 2195), explica sua tese. Segundo (928:C 2200), esclarece um ponto que poderia apresentar uma dificuldade ("Ora, como").

A primeira parte é dividida em duas seções. Na primeira, ele mostra que todas as coisas são reduzidas a uma. Na segunda (927:C 2199), explica a que coisa una todas as coisas são reduzidas ("E não faz diferença").

Em relação à primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que todos os entes se reduzem a um ente comum; e segundo (926:C 2198), que todas as contrariedades se reduzem a uma contrariedade ("E uma vez que toda").

Ele diz, portanto, primeiro (925), que o termo ente é usado da maneira mencionada acima; isto é, é usado de muitas coisas segundo algum significado comum. Ele torna isso claro por meio de dois exemplos: os termos médico e saudável.

2196. Pois ambos esses termos são usados de maneiras variadas, contudo de tal modo que se reduzem ou referem a uma única coisa. O termo médico é usado de muitas maneiras na medida em que se refere, num sentido, a um medicamento e, noutro, a algo diferente. E, similarmente, o termo saudável é usado de muitas maneiras na medida em que se refere, num sentido, à saúde e, noutro, a algo diferente. Contudo, em ambos os casos, os vários sentidos têm referência à mesma

coisa, embora de maneiras diferentes. Por exemplo, um discurso é chamado médico porque provém da ciência da medicina, e um bisturi é chamado médico porque é um instrumento usado pela mesma ciência. Similarmente, uma coisa é chamada saudável porque é um sinal de saúde, como a urina, e outra porque causa saúde, como um medicamento. O mesmo se aplica a outros termos que são usados de maneira similar.

2197. É evidente que os termos usados dessa maneira estão entre os termos unívocos e os equívocos. No caso da univocidade, um termo é predicado de coisas diferentes com um significado absolutamente idêntico; por exemplo, o termo animal, que é predicado de um cavalo e de um boi, significa uma substância viva e sensitiva. No caso da equivocidade, o mesmo termo é predicado de várias coisas com um significado inteiramente diferente. Isso é claro no caso do termo cão, na medida em que é predicado tanto de uma constelação quanto de uma certa espécie de animal. Mas, no caso daquelas coisas que são ditas da maneira mencionada anteriormente, o mesmo termo é predicado de várias coisas com um significado que é parcialmente o mesmo e parcialmente diferente — diferente quanto aos diferentes modos de relação, e o mesmo quanto àquilo a que se relaciona; pois ser um sinal de algo e ser a causa de algo são diferentes, mas a saúde é uma só. Termos desse tipo, portanto, são predicados analogamente, porque têm uma proporção para uma coisa. O mesmo vale também para as muitas maneiras como o termo ente é usado; pois ente, em sentido irrestrito, significa o que existe por si mesmo, ou seja, a substância; mas outras coisas são chamadas entes porque pertencem ao que existe por si mesmo, ou seja, modificações ou estados ou qualquer outra coisa desse tipo. Pois uma qualidade é chamada de ente, não porque tenha um ato de existir, mas porque se diz que uma substância é disposta por ela. O mesmo ocorre com outros acidentes. É por isso que ele diz que eles pertencem a um ente (ou são de um ente). É evidente, então, que os muitos sentidos do termo ente têm um significado comum ao qual se reduzem.

2198. E uma vez que (926).

Em seguida, ele mostra que todas as contrariedades se reduzem a uma primeira contrariedade. Uma vez que todos os entes se reduzem a um significado comum, e as contrariedades dos entes, que são diferenças opostas, são, em si mesmas, uma consequência natural dos entes, segue-se que as contrariedades devem ser reduzidas a alguma contrariedade primária, seja ela qual for, quer seja pluralidade e unidade, semelhança e dessemelhança, ou quaisquer outras que sejam diferenças primárias dos entes. E contrariedades desse tipo devem ser consideradas na ciência que estabelece o que é verdadeiro acerca dos entes.

2199. E não faz (927).

Então ele indica qual é essa coisa comum à qual todas as coisas se reduzem. Ele diz que não faz diferença se as coisas são reduzidas ao ente ou à unidade; pois, se é dito que ente e unidade não são a mesma coisa conceitualmente, mas diferem na medida em que a unidade acrescenta a nota de indivisibilidade ao ente, nem por isso é menos evidente que eles são intercambiáveis; pois tudo o que é uno é, de algum modo, um ente, e tudo o que é um ente é, de algum modo, uno; porque, assim como a substância é um ente própria e essencialmente, também é uma própria e essencialmente. O modo como a unidade se relaciona com o ente foi explicado acima no Livro IV (301-04:C 548-60) e no Livro X (832:C 1974).

2200. Ora, uma vez que (928).

Então ele remove uma dificuldade. Ele diz que, uma vez que todos os contrários são investigados por uma única ciência (e a razão mais convincente parece ser a de que, em cada par de contrários, um contrário é usado privativamente, e isso é conhecido a partir de seu termo oposto), surge a dificuldade de como os contrários que têm um intermediário podem ser predicados como privações, visto que, no caso de opostos que se opõem privativamente, não há intermediário.

2201. A resposta a isso deve ser que, no caso de tais contrários, um oposto não é posto como uma privação que remove todas as notas inteligíveis do outro, mas como a privação da última espécie, na medida em que ela subtrai da constituição inteligível completa de toda a espécie. Por exemplo, se alguém é dito justo porque habitualmente obedece às leis, nem sempre será dito injusto, como se fosse privado de toda a noção de justiça, o que seria o caso se não obedecesse às leis de modo algum — mas sim porque falha em obedecê-las em alguns aspectos. Portanto, a privação da justiça será encontrada nele na medida em que ele fica aquém da perfeição da justiça. É por essa razão que ele pode estar em um estado intermediário, porque nem todo aquele que carece de justiça está completamente privado dela, mas apenas de alguma parte dela. E esse estado intermediário é um que difere em grau. O mesmo vale para outros contrários. Diz-se, no entanto, que a privação da visão consiste na total falta de visão, e, portanto, não há estado intermediário entre a cegueira e a visão.

2202. Ora, o matemático (929).

Aqui ele mostra que as investigações desta ciência se estendem a todos os entes na medida em que se reduzem a uma coisa. Ao tratar disso, ele faz uma divisão tripartite. Primeiro, mostra por um exemplo da geometria que é função de uma única ciência considerar todas as coisas que se reduzem ao ente. Ele diz que a ciência da matemática estuda "aquelas coisas que são obtidas pela remoção de algo", i.e., as coisas abstratas. Ela faz essa abstração, não porque supõe que as coisas que considera sejam separadas na realidade das coisas sensíveis, mas porque as considera sem considerar as qualidades sensíveis. Pois a ciência da matemática realiza suas investigações removendo do escopo de seu estudo todas as qualidades sensíveis, como leveza, peso, dureza, suavidade, calor e frio, e todas as outras qualidades sensíveis, e retém como seu objeto de estudo apenas o quantificado e o contínuo, quer seja contínuo em uma dimensão, como uma linha, quer em duas, como uma superfície, quer em três, como um corpo. E ela está primariamente interessada nas propriedades destes na medida em que são contínuos e não em qualquer outro aspecto; pois ela não considera as propriedades da superfície na medida em que é a superfície de madeira ou de pedra. Similarmente, ela considera as relações entre seus objetos. E ao considerar figuras, ela também estuda seus acidentes, e como as quantidades são comensuráveis ou incommensuráveis, como é claro no Livro X de Euclides, "e suas razões", ou proporções, como é claro no Livro V da mesma obra. Contudo, há uma única ciência de todas essas coisas, e esta é a geometria.

2203. Ora, o que era verdadeiro para o matemático também o é para o filósofo que estuda o ente. Ele deixa de lado o estudo de todos os entes particulares e os considera apenas na medida em que pertencem ao ente em geral. E, embora sejam muitos, há, no entanto, uma única ciência de todos eles, na medida em que todos se reduzem a uma coisa, como foi apontado.

2204. Para uma investigação (930).

Em segundo lugar, ele indica qual ciência considera as coisas mencionadas acima. Ele diz que o estudo dos atributos do ser enquanto ser não pertence a nenhuma outra ciência, mas apenas a este ramo da filosofia. Se pertencesse a outra ciência, pareceria pertencer principalmente à filosofia da natureza ou à dialética, que aparentemente são as mais comuns das ciências. Ora, segundo a opinião dos antigos filósofos, que não postulavam outras substâncias além das sensíveis, pareceria ser a filosofia da natureza a ciência comum. Dessa forma, seguir-se-ia que é função da filosofia da natureza considerar todas as substâncias e, conseqüentemente, todos os seres, que se reduzem à substância. — Mas a dialética pareceria ser a ciência comum, e também a sofística, porque estas consideram certos acidentes dos seres, a saber, as intenções e as noções de gênero e espécie e coisas semelhantes. Segue-se, então, que é o filósofo quem deve considerar as coisas acima mencionadas, na medida em que são acidentes do ser.

2205. E como todo (931).

Em terceiro lugar, a partir do que foi dito, ele extrai sua tese como conclusão principal. Ele diz que, como o ser é usado em muitos sentidos com referência a uma única coisa, e como todas as contrariedades são referidas à primeira contrariedade do ser, tais coisas organizadas dessa maneira podem cair sob uma única ciência, como foi apontado. Assim, ele resolve a questão previamente levantada: se há uma única ciência das coisas que são muitas e genericamente diferentes.

Revision #2

Created 19 September 2026 00:23:20 by Admin

Updated 19 September 2026 00:32:30 by Admin